

## USO DO LAPTOP COMO FERRAMENTA DE APOIO A INCLUSÃO

ADRIANA SILVA DA SILVEIRA NUNES VIEIRA<sup>1</sup>; ANDRÉ LUIS ANDREJEW FERREIRA<sup>2</sup>;

*Universidade Federal de Pelotas –adrianasnvieira@hotmail.com*

*Universidade Federal de Pelotas– andrejew.ferreira@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

A partir da concepção de que, hoje, as tecnologias estão ao alcance da rede de educação e sua utilização é fundamental para o desenvolvimento de múltiplas competências e habilidades dos alunos. Desta forma, neste trabalho, procuramos mostrar os motivos pelos quais, embora tenhamos recursos altamente qualitativos para promover a aprendizagem de nossos alunos, estes nos pareçam tão distantes de nossas práticas, levando-se em consideração as contribuições proporcionadas pelos laptops aos alunos inclusos. Nesta ótica, faz-se necessária a compreensão do significado de Tecnologias da Informação e Comunicação como agente ativo no processo educacional de inclusão. Pesquisas tem revelado que a utilização pedagógica de tecnologias digitais de informação e comunicação vem produzindo efeitos positivos na educação especial, promovendo o desenvolvimento sociocognitivo dos sujeitos.

Para Vygotsky (1986), o homem não tem seu potencial de capacidades determinado e definido geneticamente. As possibilidades humanas devem ser compreendidas numa perspectiva evolutiva. O homem se institui enquanto homem progressivamente, na medida em que se amplia a maturação cognitiva forjada nas relações e inter-relações constantes com o mundo dos objetos e dos indivíduos. Nesta perspectiva de Vygotsky, a criança não se adapta ao mundo ao modo como é entendida a adaptação biológica, mas se apropria dele.

Em julho de 2010, a Escola Prof<sup>a</sup> Remy da Rosa Collares da rede municipal de Bagé, recebeu o Projeto Uca (Um Computador por aluno). A realidade da escola foi totalmente modificada, em função das TIC's, foram necessárias alterações no Projeto Político Pedagógico da Escola, pois novos instrumentos passaram a fazer parte do ambiente escolar. A equipe diretiva da escola, proporcionou capacitações aos professores para adaptações e alterações necessárias a prática docente. Com o desenvolvimento das atividades, utilizando as tecnologias, percebemos o quanto não foram lembrados os alunos que apresentavam determinadas restrições.

Quando compreendemos a escola como um reflexo da sociedade, percebemos que, se uma está se modificando, automaticamente a outra corresponde. Dessa forma, podemos entender as mudanças ocorridas constantemente na escola como necessárias para atender a um perfil de usuários cada vez mais inseridos no mundo digital.

O impacto das tecnologias da informação e comunicação é sentido e reconhecido em diversos setores de nossas vidas. Para Illera (2004), não é possível pensar em um indivíduo que não seja mediado de alguma maneira pela tecnologia, não somente quando usa computadores, mas também, por exemplo, quando veste uma roupa.

Portanto, falamos de uma sociedade onde a tecnologia influencia nossa forma de pensar, de sentir e de agir e como diz Bruner (2000), penetra em nossas vidas transformando os processos vividos em sociedade.

Para Paulo Freire (1997), a escola se obriga a deixar de ser um espaço preponderantemente fabricante de memórias repetitivas, para ser um espaço comunicante e, portanto, criador. E, para isso, então, ela não poderia jamais deixar de ter, como auxiliares extraordinários, todos os meios de comunicação. Ele chama atenção para os responsáveis

pelas políticas da educação, que não devem ter medo das coisas novas, proporcionando aos alunos a produção das suas mensagens e a utilização dos recursos tecnológicos como meios de sua própria expressão. A escola funcionaria melhor se pudesse usar instrumentos que a ajudassem a possibilitar que o estudante exercitasse a sua curiosidade de saber.

Para José Manuel Moran,

a educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações. É importante educar para usos democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias que facilitem a evolução dos indivíduos. (MORAN, 1999, p.5).

Pelas palavras de Moran, entende-se, que ensinar com as novas tecnologias será uma revolução, porém para que tal ocorra precisamos de pessoas livres ou em processo de libertação, capazes de educar para a liberdade, rompendo os paradigmas convencionais do ensino e promovendo uma aprendizagem significativa dos conteúdos.

No Brasil, a educação especial enquadrou-se no sistema geral de educação com a aprovação da Lei nº 4.024/1961, contemplando o atendimento à pessoas com necessidades educativas especiais, quando possível, no sistema regular de ensino. Os anos 80 são considerados como a década dos tratados, época em que se originaram as primeiras declarações e tratados defendendo o processo inclusivo. Em 1985, realizou-se a Assembléia Geral das Nações Unidas e o Programa de Ação Mundial para as Pessoas Deficientes, que é a Resolução nº 37/52 (ONU, 1992), o qual lança um programa de ação mundial para as pessoas deficientes, recomendando: “quando for pedagogicamente factível, o ensino da pessoa deve acontecer dentro do sistema escolar normal”. Em 1989, aprovou-se no Brasil, a Lei nº 7853/1989, a qual, no item “educação”, prevê a oferta obrigatória e gratuita da educação especial em estabelecimentos públicos de ensino. Em 1994 na Espanha, na cidade de Salamanca, nesse encontro, elaborou-se um documento de compromisso para garantir os direitos educacionais das pessoas com necessidades especiais.

Desta forma, Illera (2004) ressalta a importância das tecnologias digitais como instrumentos mediadores privilegiados dentro do enfoque sócio-histórico. Em nenhum outro momento o homem disponibilizou de ferramentas tão poderosas para a informação e comunicação e para o desenvolvimento da linguagem nas suas mais diversificadas formas, como ferramenta cognitiva, tem propiciado a associação compartilhada da cognição.

Para Guebert (2010), a escola com o objetivo de favorecer o desenvolvimento de pessoas com necessidades educativas especiais, precisa delinear uma conduta filosófica que corresponda ao desenvolvimento pleno do indivíduo. Nesse sentido, a concepção inclusiva valoriza a pessoa com necessidades educativas especiais enquanto um ser humano normal dotado de sentimentos, de desejos e de elaborações mentais. Sob essa perspectiva, a limitação passa a ser vista como uma das características do indivíduo e jamais como referência de quem ele é, pois a deficiência é uma característica da pessoa, sendo considerada parte dela, e não que a pessoa seja a sua deficiência. Com base neste contexto, procuramos saber como os laptops podem auxiliar a aprendizagem e socialização dos alunos?

## 2. METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como pesquisa qualitativa. A abordagem qualitativa é justificável dado o conjunto complexo de condutas e atitudes envolvidas no processo de inserção de melhorias na aprendizagem, na qual utilizamos alguns pressupostos da pesquisa ação que segundo Thiollent (2002, p. 75 apud VAZQUEZ e TONUZ, 2006, p. 2), permite aos pesquisadores em educação estarem em condição de produzirem informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico, o que promoveria condições para ações e transformações de situações dentro da própria escola.

No ano de 2012, na Escola Prof<sup>a</sup> Reny da Rosa Collares, sentiu-se a necessidade de fazermos algo para que os alunos inclusos pudessem utilizar os laptops, da mesma forma que os demais estudantes. Uma das alunas, portadora de autismo, com grande dificuldade de interação e acomodação em sala de aula, fazendo uso de um *pendrive* com músicas, no seu laptop, percebemos o quanto se acalmava, como alterava o seu comportamento, aceitando os colegas e aumentando a sua permanência dentro do ambiente escolar. Para o professor que tantas vezes tentou o perfeito entrosamento com este aluno, sem conseguir grandes resultados, esta é uma grande conquista proporcionada pelas tecnologias. Outra aluna, com deficiência auditiva, sentia-se entusiasmada, quando trabalhava com o laptop, mas desmotivava-se na execução das atividades, por não poder acompanhar as atividades desenvolvidas, em função da sua limitação. Os alunos da classe já estavam estudando libras, para favorecer a comunicação com ela. A partir daí foi elaborado um teclado em libras, para ser adaptado no laptop. O recurso utilizado, apesar de simples, teve grande influência no desenvolvimento das atividades escolares desta aluna. A partir destes resultados, foram propostos encontros com os demais discentes da escola a fim de que pudéssemos socializar os trabalhos desenvolvidos em sala de aula, o que muitas vezes se torna difícil. Estes encontros serviram para conhecer o trabalho dos outros docentes, oportunizar a revisão da sua prática e também para exteriorizar suas ansiedades e dificuldades. Ao final de cada encontro os docentes preencheram uma ficha de avaliação, a qual tratava de aspectos referentes ao aproveitamento e a eficácia no desenvolvimento de sua atividade. Levando em consideração a questão do uso das TICs, de forma permanente e contínua, propomos, a todas as escolas municipais, que utilizem filmagens em todas as aulas planejadas com o uso destes recursos, tornando o docente participante deste processo, como agente pesquisador de possibilidades e que estes encontros oportunizem a socialização de conhecimentos e a interação coletiva.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do material coletado permitiu observar que professor e tecnologia juntos, conseguem motivar (estimular) os alunos. No entanto, a utilização de recursos tecnológicos pressupõe professores capacitados para que a aprendizagem ocorra com mais significado. Sabemos que as tecnologias não resultam necessariamente de escolha feita pelas instituições de ensino, sua presença não pode remeter a mudanças significativas do ponto de vista pedagógico, para tanto teremos que fazer alterações no currículo, através de discussão das experiências dos sujeitos. As tecnologias, entre outras finalidades devem proporcionar o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo sua formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico, levando-se em consideração as limitações de determinados alunos, mas não esquecendo que todos devem participar ativamente deste processo. Os recursos digitais ao atuarem como objetos catalisadores da inteligência coletiva, tornam-se entidades que propiciam o acolhimento da diversidade.

### 4. CONCLUSÕES

A prática docente e a utilização dos recursos tecnológicos, requer que estejamos preparados com saberes específicos a profissão em virtude da necessidade de sua aplicação na prática diária, para o bom desenvolvimento de seu fazer pedagógico. Muitos educadores aderem à utilização da tecnologia como recurso didático, mas muitas vezes deparam-se com uma forte resistência apresentada por outros, frente à utilização deste novo artifício. Portanto, o trabalho desenvolvido pelo professor em sala de aula requer habilidades e conhecimentos específicos, para que tenha condições de desenvolver uma prática adequada às exigências

apresentadas no decorrer do exercício de suas funções, para isso, faz-se necessário, compreender-se que a formação do docente deve fundamentar-se na construção da atitude reflexiva, abrindo assim o caminho a análise e revisão da prática pedagógica e de construção de esquemas teóricos e práticos a serem aplicados no ambiente escolar, partindo do pressuposto que é necessário e urgente que seja revista a questão do currículo, pois é ele que está no centro da relação educativa, e que proporcionemos as mesmas oportunidades a todos os alunos e que sejam valorizadas suas potencialidades e possibilidades.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNER, J.J. **Educación: escenarios de futuro. Nuevas tecnologías y sociedad de La información. 2000. Disponível em**  
**:[HTTP://mt.educarchile.cl/archives/PREAL\\_doc.pdf](http://mt.educarchile.cl/archives/PREAL_doc.pdf)**

FREIRE, Paulo. **Educar com a mídia.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GUEBERT, M. C.C. **Inclusão, uma realidade em discussão.** Curitiba: IBPEX, 2010.

ILLERA, J. L. R. **El aprendizaje virtual – enseñar y aprender em la era digital.** Rosário: Homo Sapiens, 2004.

MORAN, J.M. **O uso das novas tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD- uma leitura crítica dos meios.** São Paulo, 1999. Disponível em: <[www.eca.usp.br/profmoran](http://www.eca.usp.br/profmoran)>. Acesso em: setembro 2013.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia a pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 1985.  
\_\_\_\_\_. **Pesquisa-ação nas organizações.** São Paulo: Atlas, 1997

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente – o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.